

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA

O brincar da criança com paralisia cerebral: a percepção dos cuidadores

Brasília
2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA

Trabalho apresentado ao curso de
Terapia Ocupacional da Universidade de
Brasília como parte dos requisitos para
obtenção do título de graduação em
Terapia Ocupacional.

Gabriela Massa Fleury Curado

Prof.^a. Dra.: Ana Cristina De Jesus Alves

Brasília

2014

RESUMO

O brincar sempre esteve presente nos estudos dos terapeutas ocupacionais, devido à ação ser uma atividade que auxilia na reabilitação de crianças com deficiência. O objetivo deste estudo foi caracterizar o brincar da criança com deficiência física, a partir da percepção de seus cuidadores. Foi realizada uma entrevista semiestruturada com três cuidadores de crianças com paralisia cerebral, utilizando-se para a análise dos dados a Análise de conteúdo descrita por Bardin. Os resultados mostraram que há valorização dos cuidadores em relação ao brincar, que as brincadeiras sonoras são as mais apreciadas e as que envolvem texturas são as que menos agradam e que há ausência de companhia na brincadeira. Observou-se a forma de escolha da brincadeira da criança com deficiência, a terapia como lugar de propor brincadeira e a influência da terapia ocupacional na percepção da função do brincar. Acredita-se que este estudo pode contribuir ao conhecimento produzido na área.

Descritores: brincar; paralisia cerebral; desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

The play has always been present in studies of occupational therapists because of the action is an activity that helps in the rehabilitation of children with disabilities. The objective of this study was to characterize the play of children with physical disabilities, from the perception of their caregivers. A semi-structured interview with three caregivers of children with cerebral palsy, using for the analysis of the data content analysis described by Bardin was performed. The results showed that there is appreciation of caregivers about the play, the sound games are the most appreciated and those involving textures are the least pleasing and there is no company in play. There was the form of the child's play of choice with disabilities, therapy as a place to propose joke and the influence of occupational therapy in the perception of the role of play. It is believed that this study may contribute to the knowledge produced in the area.

Descriptors: play; cerebral palsy; child development.

INTRODUÇÃO

A principal atividade da infância é o brincar, devido ao tempo na rotina da criança correspondente a essa atividade e sobre a sua influência, perante o seu desenvolvimento.¹

"Brincadeira é o ato ou efeito de brincar. Etimologicamente, 'Brincando + eria': significa divertimento, passatempo, distração".^{2:42}

A brincadeira permite à criança vivenciar o lúdico e descobrir-se, apreender a realidade, tornando-se capaz de desenvolver seu potencial criativo. É diante da brincadeira que a criança desenvolve habilidades, se autoconhece perante o momento vivido e soluciona problemas, oferecendo, assim, autonomia e liberdade.²⁷ Além disso, é uma atividade que a criança começa desde seu nascimento no âmbito familiar.³

O ato de brincar estimula e exercita as diferentes funções cerebrais. Sinapses dos neurônios do cerebelo, na base do crânio, brotam em grande número, especialmente durante a prática de travessuras [...] Por meio dos intensos estímulos físicos e sensoriais produzidos pelas brincadeiras, são reforçadas as ligações sinápticas cerebelares, que, em troca, aceleram o desenvolvimento motor nas crianças e, nos adultos, preservam e reforçam essas mesmas capacidades motoras.^{4:42-}

47

O brincar e a brincadeira podem ser considerados um rico instrumento para o desenvolvimento cognitivo, social e fisiológico da criança, fazendo com que a criança vivencie etapas e problemas decorrentes a essa fase da vida.¹

A Terapia Ocupacional tem a atividade como sua principal ferramenta, onde por meio dela há a procura em estabelecer o aumento do vínculo social, a autonomia e a melhora da qualidade de vida das pessoas que por algum comprometimento encontram obstáculos para a comunicação e a interação social. É essencial que a atividade realizada pela pessoa tenha importância e significado para o mesmo.⁵

A brincadeira faz parte do desenvolvimento da criança e ajuda na aquisição de habilidades, na aprendizagem, na socialização e nas capacidades motoras, além de ser uma atividade prazerosa e fundamental na vida da criança, sendo considerada, portanto, sua atividade ocupacional.⁶

O começo do uso terapêutico do brincar para a terapia ocupacional direcionava, em primeiro lugar, ao bem-estar psicológico da criança hospitalizada. Durante a década de 40 o brincar assumiu o papel de contribuição ao bem-estar da criança doente e prevenia o aparecimento de outros problemas. Já nos anos 50, os terapeutas ocupacionais se interessaram mais pela atividade do brincar do que pela brincadeira em si, pela ação do brincar do que pelo seu processo. Do começo da história até o fim dos anos 80, passou-se de uma elaboração muito ampla sobre o brincar, permitindo certificar o bem-estar psicológico da criança, a uma realização sistemática da atividade do brincar.¹

O brincar sempre esteve presente no objeto de estudo dos terapeutas ocupacionais, devido à ação do brincar ser uma atividade enriquecedora do ponto de visto terapêutico, na assistência de crianças, incluindo a reabilitação de crianças com deficiência.⁷

Há algumas recomendações aos profissionais que trabalham com pacientes infantis. Entre elas, estão: dar tempo para a criança se expressar (cada criança tem seu jeito e momento sucinto para expressar seus sentimentos e cabe ao seu terapeuta esperar o tempo de cada um), não ir muito além de suas necessidades atuais (o terapeuta tem que entender que ele trabalha com a criança de hoje, e não com o adulto de amanhã, direcionando a terapia apenas para a melhora do presente do paciente) e que se deve considerar a criança como uma pessoa inteira, não montar a criança em subpartes, para, aos poucos, melhorar cada parte. A criança é um ser humano inteiro, e não partes de um.¹

Considerando-se especificamente a deficiência física, ela é conceituada como:

Diferentes condições motoras que acometem as pessoas comprometendo a mobilidade, a coordenação motora geral e da fala, em consequência de lesões neurológicas,

neuromusculares, ortopédicas, ou más formações congênitas ou adquiridas.⁸

As crianças com deficiência física frequentemente encontram dificuldades e restrições em vivenciar atividades consideradas típicas da infância, o que pode causar comprometimentos negativos no desenvolvimento e aprendizagem delas.⁹

A criança com deficiência tem maior dificuldade de começar a brincar, devido à falta de estimulação e dependência da maioria dos cuidadores. O tempo para a brincadeira também é diminuída, resultando que a criança com deficiência brinca menos que a normal, pelo fato em que grande parte do seu tempo é direcionada a terapias e consultas médicas. Vários outros obstáculos também podem ser observados, como os obstáculos físicos que pode ser notado nos parquinhos e brinquedos públicos, que em sua maioria não são adaptados para criança com deficiência e os obstáculos ambientais e sociais.¹

Foi realizada uma pesquisa com mães e pais de crianças com deficiência física e notou que entre as diversas atividades consideradas agradáveis aos seus filhos pelas mães, duas foram semelhantes em todas as entrevistas: o fato de estar com pessoas, independente se for para ajudar, brincar, ou simplesmente para suprir a sua necessidade social, e a atividade na água, pois, para as crianças com deficiências, podem ter efeitos não negligenciáveis sobre a sua espasticidade, e, assim, resulta em uma sensação de bem-estar. De um modo geral para essas mães, o brincar se define a “ter prazer”, e conclui que para as crianças com deficiência física, o brincar é uma terapia inconsciente, que elas fazem pelo prazer.¹

O brincar é uma prática bastante importante para a criança com deficiência física, uma vez que possibilita a melhora nas capacidades motoras, e a manipulação de brinquedos de diferentes texturas, pesos, formas e tamanhos.⁶ Assim, pode-se considerar que o “Brincar é igualmente importante para a criança com paralisia cerebral”.^{10:265}

A Paralisia Cerebral (PC) descreve um grupo de desordens do desenvolvimento do movimento e da postura, causando limitações nas atividades. São atribuídas a distúrbios não progressivos que ocorrem no cérebro em desenvolvimento. As desordens motoras da PC são geralmente acompanhadas por alterações na sensação, percepção, cognição, comunicação e comportamento, podendo também ser acompanhadas por crises convulsivas.^{11: 9-14}

A lesão pode ocorrer em qualquer momento, desde a fase embrionária até os dois anos de idade. E, nos últimos anos sua incidência mundial, tem sido constante, por volta de 1,5 a 2,5 por 1.000 nascidos vivos.¹²

A criança com Paralisia Cerebral pode exibir complicações no processo de aquisição de habilidades gerais do seu desenvolvimento. Portanto, o brincar favorece a criança a capacidade de ampliar suas habilidades individuais e afrontar situações novas.¹³

O papel dos adultos sejam pais, educadores, terapeutas, ou ainda amigos e companheiros de grupo, são vitais para que o desenvolvimento cognitivo ocorra. Muitas vezes a criança precisará de ajuda principalmente para explorar e manipular os objetos que fazem parte do mundo físico, em todos os sentidos, ou seja, para falar, brincar, pintar, desenhar, escrever e descobrir outras formas de aprender pela vida.¹⁴

Assim, o objetivo deste estudo foi caracterizar o brincar da criança com deficiência física, a partir da percepção de seus cuidadores.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo método é o descritivo de cunho exploratório. Neste tipo de pesquisa descritiva, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles.¹⁵

Foi utilizada uma entrevista semiestruturada, elaborado pela pesquisadora que buscou focalizar as percepções dos cuidadores* de crianças com paralisia cerebral sobre o brincar na vida desta criança.

Participaram desse estudo três cuidadores de crianças com o diagnóstico de paralisia cerebral de 3 a 4 anos de idade.

* Cuidadores: estabeleceu-se como cuidadores qualquer pessoa que fosse responsável pelos cuidados da criança.

Como critérios de inclusão foram considerados cuidadores de pacientes com o diagnóstico de paralisia cerebral que realizam tratamento com a Terapia Ocupacional no Hospital Universitário de Brasília e que fossem acompanhados pelo setor de Terapia Ocupacional.

Mãe	Sexo da criança	Idade da criança	Tipo de PC
M1	Masculino	3 anos	Diparesia espástica
M2	Masculino	4 anos	Coreoatetoides
M3	Feminino	3 anos	Diparesia Espástica

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília parecer número 845.114/ 2014. Todos os participantes foram devidamente orientados sobre o propósito do estudo e atestaram sua anuência em participar do mesmo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias.

A coleta de dados foi realizada no ambulatório de Terapia Ocupacional, localizado no Hospital Universitário de Brasília (HUB) com dia e horário agendado com a mãe. A entrevista foi gravada e, posteriormente, transcrita na íntegra.

Para a análise foi utilizada a técnica de Análise de conteúdo que pode ser definida como:

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.^{16:226}

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando-se a amostra utilizada nota-se que embora a pesquisa tenha sido abrangente aos cuidadores, ou seja, os responsáveis por cuidar da criança com paralisia cerebral na maior parte do tempo, as três participantes foram as mães da criança com paralisia cerebral. Este achado pode reforçar estudos que apontam que na maioria das famílias a mãe é quem representa os pais na terapia e nos cuidados e tratamento da criança.¹

As entrevistas realizadas puderam gerar onze categorias de respostas: a descrição do que é brincar, a valorização dos pais do brincar, as brincadeiras e os brinquedos que eles mais gostam e que menos gostam, o brincar e a ocupação, a ausência de companhia na brincadeiras, os sentimentos que a brincadeira traz, o cuidado e a brincadeira, a escolha da brincadeira da criança com deficiência, a deficiência física e o brincar, a influência da terapia ocupacional na percepção da função do brincar, a terapia como o principal lugar de propor brincadeira.

A seguir serão apresentadas as onze categorias de respostas.

1. A descrição do que é brincar

As mães descreverem o brincar. Como pode ser visto abaixo os relatos:

M2: “O brincar né, é uma parte para criança é uma coisa boa né, é um divertimento, é uma coisa boa, pra criança está se divertindo, se interagindo com as coisas.”

M3: “Ah, para mim é quando a criança está entretida com aquela coisa, brincando com aquele objeto. Para mim isso é brincar. “

M3: “Para mim quando ela está pegando os brinquedos.”

Na presente pesquisa foi possível reconhecer a dificuldade encontrada na definição do brincar. E essa dificuldade não é restrita às mães, pesquisas afirmam que nenhum pesquisador concorda com a ideia ou definição de outro ao definir o brincar, todos têm algo a acrescentar ou a retirar, o que torna muito difícil a sua compreensão, e também pelo o brincar ser um fenômeno abstruso e holístico. O brincar é fácil de reconhecer, mas difícil de definir.¹

O brincar é um ato muito simples e de tal importância, que se torna difícil a sua definição.

2. A valorização dos pais do brincar

O brincar assume na vida da criança grande importância de acordo com os relatos abaixo:

M1: “Ele brinca em casa e fora e em todos os atendimentos que são uma brincadeira para ajudar no desenvolvimento dele.”

M1:” Que não só é uma coisa prazerosa é uma coisa que ajuda no desenvolvimento, principalmente para a criança que tem paralisia. “

M3: “se não tivesse o negócio de brincar como seria uma criança? O que a criança iria fazer se não tivesse alguma coisa para brincar?”

O brincar não significa apenas recrear, mas sim desenvolver-se integralmente. Caracterizando-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento acontece através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda sua vida. Todavia, através do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, ainda propiciando à criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade.¹⁷

Além da interação, a brincadeira, o brinquedo e o jogo proporcionam mecanismo para desenvolver a memória, a linguagem, a atenção, a percepção, a criatividade e habilidade para a melhor aprendizagem.¹⁷

O estudo mostrou que as mães das crianças com deficiência física entendem a importância da brincadeira e valorizam essa atividade como estímulo para o desenvolvimento.

3. As brincadeiras e os brinquedos que eles mais gostam e que menos gostam.

Com base nos relatos das mães, são eles:

M1: “Ele gosta de brincar muito de carrinho, de bola [...]Ele brinca mais de carrinho. Ele adora carrinho! Ele brinca com os outros, mas o que ele mais gosta é carrinho.”

M1: “A questão da massa de modelar, aquelas geleias, ele não pega, não gosta da textura de jeito nenhum.”

M2: “Ele gosta de brincar com brinquedo, principalmente com brinquedo sonoro, que tem barulho e essas coisas chama muito a atenção dele”

M3: “O que ela mais gosta é as galinhas pintadinhas, que ela pega assim e amassa as galinhas. E esse tal de peppa ai, que agora todo mundo quer essa peppa”

Uma pesquisa sobre a avaliação do comportamento lúdico da criança com paralisia cerebral e da percepção de seus cuidadores destacou-se que os brinquedos mais utilizados nas brincadeiras, segundo os cuidadores, são os de características sonoros, tal como brinquedos com músicas infantis.¹⁸ Esse achado também esteve presente nos relatos das mães participantes desta pesquisa. As brincadeiras motoras finas como as que as crianças menos gostam.⁷ As mães deste estudo apontaram que não reconhecem brinquedos em que as crianças não gostam, foi relatado por elas apenas brinquedos de texturas diferentes que as crianças não gostam de brincar e manusear.

A criança com Paralisia Cerebral devido a todo o seu comprometimento físico, muitas vezes, não recebe a estimulação necessária. Assim, podemos apontar que a escassez de movimentos dificultaria a criança de explorar o ambiente de uma maneira completa e isso resulta na limitação na aprendizagem de sensações e percepções para o desenvolvimento da criança.¹

Diante desse resultado é possível investigar a importância da estimulação e da integração sensorial a esses pacientes, no qual poderia diminuir a resistência a diferentes texturas e organizar o processamento das informações.

4. O brincar e a ocupação.

Nesta categoria nota-se o brincar sendo descrito também como qualquer ocupação.

M1: "...eu acho que é a todo momento é uma brincadeira para ele porque criança normalmente né, pra eles tudo é brincadeira."

M3: "... Ai a gente coloca um colchão no chão para ela assim, ai ela vai e fica brincando no colchão, ela passa quase a metade do dia lá naquele colchão"

O brincar é lúdico, divertido, mas nem tudo que é divertido é brincar. Tem-se a recreação como um exemplo, que é uma atividade que o adulto programa em base no divertimento, mas não é considerada brincadeira. O brinquedo só se torna brinquedo se tiver alguém brincando, no mais é visto como um objeto. Como um objeto pode se tornar brincadeira se existir uma ação motivada, controlada internamente e que poderá ser suspensão da realidade.¹¹

Assim, o brincar não deve ser considerado como um mero passatempo ou atividade complementar. O motivo disso acontecer é provavelmente devido à falta de conhecimento dos pais e dos professores a respeito de sua relevância.¹⁹

5. A ausência de companhia nas brincadeiras.

Foi observado nos relatos das mães a ausência de companheiros nas brincadeiras.

M1: "Eu acho que ele brinca melhor sozinho, ele tem a priminha dele [...] mas ela mais bate nele do que brinca, então ele prefere brincar sozinho"

M2: "Mais sozinho, não tem ninguém não..."

M3: "Ela brinca mais sozinha [...] porque eu tenho que fazer as coisas, ai eu deixo ela lá brincando sozinha."

Esse dado pode trazer o questionamento sobre qual é o papel do adulto/pais na brincadeira. Este papel está no envolvimento e na intervenção instruída, sensíveis e informadas. Também em planejar e organizar ambientes lúdicos e adequados que tenham tempo suficientemente para a criança desenvolver o brincar. Os pais devem considerar também as ações no ambiente com a retirada de obstáculos possíveis, a construção de um ambiente adequado, oferecer recursos apropriados e é claro, o incentivo e parceria na brincadeira.²⁰

De acordo com a pesquisa podemos perceber que as mães não se veem como possibilidade de companhia na brincadeira da criança. Se não existir crianças para acompanhar a criança na brincadeira, a alternativa que as mães encontram é elas brincarem sozinhas ou se divertir ao assistir um desenho animado. A presença dos pais na brincadeira reforça os laços afetivos e eleva o nível de interesse da criança com a brincadeira, estimulando ainda mais a sua imaginação e também tem como papel questionar e incentivar as crianças para que elas encontrem soluções para os problemas que possam surgir.

6. Os sentimentos que a brincadeira traz.

As mães relataram sobre o que as crianças sentem quando estão brincando.

M1: “Quando ele está brincando ele fica bem eufórico, fica bem agitado, principalmente quando é uma brincadeira que ele gosta.”

M2: “Ele fica feliz quando ele está brincando, quando ele quer, muito feliz mesmo.”

Quando a criança está brincando, ela sorri, grita, pula, se agita e principalmente sente prazer. E é esse prazer que é uma das principais características do brincar e também é de fundamental importância à existência desse prazer para que o brincar realmente aconteça. O prazer associado ao brincar vem de algumas características da atividade lúdica, como: a incerteza, a novidade e o desafio que proporcionarão o prazer pelo brincar. Outra característica que pode fornecer esse prazer na criança é a curiosidade que o brincar provoca, pois nada está certo e assim não é possível prever tudo o que irá acontecer na brincadeira.¹

7. O cuidado e a brincadeira.

Foi possível destacar o cuidado no brincar da criança com deficiência. Como podemos ver abaixo:

M3: “Não sei nada negativo, depende de como esta essa brincadeira né. Alguma coisa que acontecer quando a criança está brincando, cair, se machucar.”

Considerando a fala dessa mãe, é possível discutir que além das dificuldades físicas, as crianças com deficiência também têm a limitação de experiências e exploração do ambiente devido ao medo dos pais com acidentes ou cansaço excessivo.²¹

As dificuldades no brincar das crianças com deficiências segundo os cuidadores, podem estar associadas à preocupação com acidentes ou com o cansaço das crianças, o que pode restringir as oportunidades da criança brincar.

8. A escolha da brincadeira da criança com deficiência.

Sobre a escolha da brincadeira, mães relataram como as crianças se expressam na escolha do brinquedo.

M2: “Quando ele quer, ele aponta com o olho, ele não sabe apontar não.”

M3: “Os brinquedos é a gente que dá para ela [...] Ela não aponta e nem pede.”

Muitas vezes, devido a deficiência, a criança não consegue se expressar normalmente e esse fator acaba prejudicando na compreensão da mãe sobre o desejo do filho.¹ Por isso, é possível perceber o quanto é importante a interação mãe-filho para que haja a compreensão dos comportamentos em relação à sensibilidade em responder aos sinais da criança em relação às iniciativas, visando a estimulação ou a antecipação de suas ações, no qual esses comportamentos têm sido considerados como elementos construtivos das interações iniciais que são significativas para o desenvolvimento infantil.

De acordo com autores, a forma que a criança mostra interesse pela brincadeira é de 42,5% por meio de palavras e frases, 27,5% por gestos, 20% por meio de sons, 7,5% pela expressão do rosto, enquanto que apenas 2,5% não se expressa.²²

Um recurso que pode auxiliar neste processo é a comunicação alternativa, no qual é um recurso importante para o desenvolvimento no processo comunicativo de crianças que possuem algum distúrbio da comunicação e necessita de uma forma alternativa de comunicação. Essa comunicação alternativa é caracterizada pelo uso de gestos, expressões faciais e corporais, símbolos, gráficos, entre outros.²¹

9. A deficiência física e o brincar.

As mães expressam sobre a deficiência dos filhos e sua influência sobre o brincar. Duas mães apontaram sobre isso:

M1: “Eu acho que isso não atrapalha, não vejo que a paralisia dele venha atrapalhar ele a brincar, a não ser nessas brincadeiras de chutar”

M2: “...Mas acho que a deficiência dele não atrapalha ele em nada não, as necessidades dele não atrapalham. O que atrapalha mais é o entendimento dele, que as vezes ele não entende muito, sobre como brincar com aquele brinquedo, aí vai e quebra o brinquedo, mas as necessidades dele não atrapalham não”

As atividades do brincar das crianças com deficiência física são mais passivas, menos diversificadas e o seu ritmo é mais lento. A deficiência física pode levar a criança a uma complicação no processo de socialização e no desenvolvimento cognitivo. Além disso, as vivências da descoberta, do controle, da criatividade e da expressão através do brincar podem ser comprometidas.¹

As cuidadoras não apontaram dificuldades nas brincadeiras devido ao fato de serem deficientes. Diante dos relatos podemos perceber que a deficiência não influencia na vontade de brincar, na imaginação, na criatividade. A deficiência pode dificultar o processo da brincadeira, mas com o auxílio dos pais e dos profissionais que assistem a criança, o brincar poderá ocorrer normalmente.¹

10. A terapia como o principal lugar de propor brincadeira.

A criança com deficiência recebe atendimentos de reabilitação ou em escolas especiais e, muitas vezes, o brincar fica restrito a esses espaços.

M1: “Ele tem a creche que é estimulação precoce, que é um ensino especial que lá também é através de brincadeira. No SARAH também que ele brinca no tapete, na fisioterapia também lá em Sobradinho. “

A prática do brincar deve ser facilitada e intermediada para as crianças com deficiência física, a fim de que tenham acesso a exploração, exteriorização dos seus sentimentos e contato com outras crianças, adultos e objetos.²²

As mães são as principais parceiras do cuidado e por isso é importante que os profissionais de saúde expliquem a elas a importância do brincar, pois, para a sua maioria o brincar tem sempre um objetivo terapêutico e educacional, deixando-os então para ser realizado no tratamento.¹¹

11. A terapia ocupacional na percepção da função do brincar.

Apesar da entrevista não focar a terapia ocupacional como objeto de estudo, ela foi relatada na pesquisa, possivelmente, devido ao fato do local da entrevista ter sido posterior ao atendimento da terapia ocupacional. Assim, podemos verificar a sua influência no brincar:

M1: “...assim que ele começou a fazer o tratamento dele através das brincadeiras eu vi a importância da brincadeira. Que não só é uma coisa prazerosa é uma coisa que ajuda no desenvolvimento, principalmente para a criança que tem paralisia.”

M2: “ela não gosta muito de brinquedo, ela começou a gostar de brinquedo depois que ela veio para cá (atendimento de terapia ocupacional). Que ela começou interagir mais, a se interessar mais pelos brinquedos.

Esses relatos indicaram demandas importantes a serem consideradas para o presente estudo. As mães não sabiam de fato a importância do brincar e também que seus filhos deveriam brincar como as outras crianças. Após começarem o

atendimento e acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos perceberam e notaram o quanto é importante a brincadeira na vida dos seus filhos com deficiência. Para a criança brincar é necessário criar um espaço que seja autorizado a desordem, a paixão e a excitação naquilo que a criança faz.¹

CONCLUSÃO

O presente estudo apontou as percepções das mães sobre a importância do brincar. Embora tenha sido utilizada uma amostra pequena, pode-se observar que as percepções das mães foram satisfatórias em relação ao tema apresentado.

Através das entrevistas, pode-se notar que a importância do brincar está bem clara e visível para todas as mães, porém, nota-se uma lacuna no tempo de brincadeira da criança, que muitas vezes é realizada somente nos atendimentos e de maneira individual. As crianças com deficiência geralmente brincam sozinhas e não exploram muito o ambiente, devido à dificuldade de locomoção e a falta de participação dos cuidadores.

Mesmo não sendo o foco do estudo, conclui-se a importância da terapia ocupacional na atuação com crianças com deficiência física, utilizando o brincar como recurso terapêutico ou visando à ação do brincar na criança, pois foi possível observar que as mães relataram que através do atendimento começaram a perceber a importância do brincar para o desenvolvimento da criança.

Acredita-se, então, que este estudo pode ter acrescentado ao conhecimento produzido na área da caracterização do brincar da criança com deficiência física, a partir da percepção de seus cuidadores.

Vale ressaltar que o tema abordado neste estudo, deve ser mais explorado e divulgado no meio científico, por ser tratar de uma área de grande interesse a múltiplos profissionais seja da saúde ou da educação. Espera-se que este trabalho possa despertar novos interesses de pesquisa ao investigar outros tipos de deficiências, uma maior amostra, investigar a percepção dos pais, entre outros.

REFERÊNCIAS

1. Ferland F. O modelo lúdico. O brincar, a criança com deficiência física e a terapia ocupacional. Terceira edição. São Paulo: Roca, 2007.
2. Friedmann A. O desenvolvimento da criança através do brincar. São Paulo, SP: Moderna, 2006.
3. Kishimoto TM. O brincar e suas teorias. 3ª Ed. São Paulo: Pioneira, 2002
4. Pellegrini L. Passo para o bem-estar: brincar é fundamental. Revista Planeta, São Paulo, n. 7, p. 42-47, jul. 2003.
5. Rocha EF. Reabilitação de pessoas com deficiências: A intervenção em discussão. São Paulo: Roca; 2006. 300p.
6. Braccialli LMP, Manzini EJ, Reganham WG. Contribuições de um programa de jogos e brincadeiras adaptados para a estimulação de habilidades motoras em alunos com deficiência física. Temas sobre desenvolvimento, 2004.
7. Reis NMM, Rezende MB. Adaptações para o brincar In: Cavalcanti A, Galvão C. Terapia ocupacional: fundamentação e Prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
8. Brasil. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais- DEFICIÊNCIA FÍSICA. Brasília – DF:2006.
9. Cruz DMC, Emmel MLG. O brinquedo e o brincar na estimulação da função manual de crianças pré-escolares com deficiência física. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v.15, n.1, p. 7- 17, jan./jun. 2007.
10. Finnie N. O manuseio em casa da criança com paralisia cerebral. São Paulo: Manole, s/d.
11. Rezende MB. O Brincar e a intervenção da Terapia Ocupacional. In: Drumond AF, Rezende MB. Intervenções da Terapia Ocupacional. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
12. Gianni MA. Paralisia cerebral. Terapia ocupacional na reabilitação física. São Paulo: Roca, 2003.
13. Cazeiro APM. Formação de conceitos por crianças com paralisia cerebral: um estudo exploratório sobre as influências das brincadeiras [Dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2008.
14. Carvalho LMG. As atividades lúdicas e a criança com paralisia cerebral: o jogo, o brinquedo e a brincadeira no cotidiano da criança e da família [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, 1998.

15. ANDRADE, Maria Margarida. Introdução à metodologia do trabalho científico. 5 ed. São Paulo: Atlas, p. 127, 2001.
16. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977. 226p.
17. Oliveira VB. O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
18. Zaguini et al. Avaliação do comportamento lúdico da criança com paralisia cerebral e da percepção de seus cuidadores. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.actafisiatrica.org.br/detalhe_artigo.asp?id=13>. Acessado em: 24/09/2013.
19. Silva NS. “Eles só brincam” concepções dos adultos sobre o brincar de crianças de zero a dois anos. Porto Alegre, 2012;
20. Rigby P. Enabling young children to play by creating supportive play environments. Using environments to enable occupational performance. Danvers, MA. 3003, p. 155-176
21. Manzini, e. J.; Deliberato, d. Portal de ajudas técnicas para a educação: equipamento e material pedagógico para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física – recursos pedagógicos II. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2007. fasc. 4.
22. Missuana C, Pollock N. Play deprivation in children with physical disabilities: The role of the occupational therapist in preventing secondary disability. American Journal of Occupational Therapy. 1991
23. Cruz DMC, Emmel MLG. O brinquedo e o brincar na estimulação da função manual de crianças pré-escolares com deficiência física. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v.15, n.1, p. 7- 17, jan./jun. 2007.

ANEXO 1



Universidade de Brasília

01 de Dezembro de 2013

Autorização de pesquisa

Eu, Pedro Henrique Tavares de Almeida responsável pelo setor de Terapia Ocupacional do Hospital Universitário de Brasília tenho conhecimento e autorizo a realização da pesquisa intitulada: ***A importância do brincar para crianças com paralisia cerebral: a percepção dos cuidadores*** (em ANEXO).

Tenho ciência que o trabalho estará sob a responsabilidade da profa. Dra. Ana Cristina de Jesus Alves orientadora do projeto de Trabalho de conclusão de curso da aluna Gabriela Massa Fleury Curado e que o objetivo será analisar as percepções dos cuidadores sobre a atividade do brincar do filho com paralisia cerebral e para isso será realizada entrevista a três cuidadores de crianças com paralisia cerebral

Tenho conhecimento que os pesquisadores se responsabilizarão em cumprir todos os quesitos éticos solicitados e aprovados pelo comitê de ética em pesquisa monografia da UnB.


Pedro Henrique Tavares de Almeida

Profº Pedro Almeida
Matrícula 1068380
Universidade de Brasília

ANEXO 2



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

O (a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto: “A importância do brincar para crianças com paralisia cerebral: a percepção dos cuidadores”.

O objetivo desta pesquisa é: Analisar as percepções dos cuidadores sobre a atividade do brincar da criança com paralisia cerebral.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a)

A sua participação será por meio de uma entrevista semiestruturada, onde serão gravados e anotados os seus relatos. A entrevista será feita no Hospital Universitário de Brasília (HUB) na data combinada com um tempo estimado de 40 minutos para sua realização. Informamos que o(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição Universidade de Brasília (UNB) podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de no mínimo cinco anos, após isso serão destruídos ou mantidos na instituição.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Gabriela Massa Fleury Curado na instituição Universidade de Brasília telefone: 85994335 no horário: 08hrs á 18hrs.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília Parecer no._____. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidas através do telefone: (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

Nome / assinatura

Gabriela Massa Fleury Curado

Pesquisador Responsável

Brasília, ____ de _____ de _____

ANEXO 3

Entrevista com os cuidadores

1. Para você, o que é brincar?
2. Em qual momento você acha que a criança está brincando?
3. Descreva situações de brincadeira da criança
4. Em qual lugar ela mais brinca?
5. Como a brincadeira é escolhida?
6. Ela brinca sozinha ou acompanhada? Se acompanhada, de quem?
7. Quais as brincadeiras/brinquedo que ela mais gosta? Por que?
8. Quais as brincadeiras/brinquedo que ela menos gosta? Por que?
9. Quanto tempo em horas a criança utiliza para a brincadeira?
10. Você considera algo positivo no brincar?
11. Você considera algo negativo no brincar?
12. O que você acha que a criança deve ter para conseguir brincar?
13. Quais sentimentos/ sensações a brincadeira traz para sua criança?
14. Seu filho costuma a brincar com outras crianças? Se sim, quais brincadeiras eles realizam juntos?

Entrevista 1

G: Para você, o que é brincar?

M: Anteriormente, quando eu não sabia a função né, que a brincadeira ajudava a estimular, a brincadeira para mim era algo normal de criança, né. Mas assim que o V. nasceu, assim que ele começou a fazer o tratamento dele através das brincadeiras eu vi a importância da brincadeira. Que não só é uma coisa prazerosa é uma coisa que ajuda no desenvolvimento, principalmente para a criança que tem paralisia.

G: Em qual momento você acha que a criança está brincando?

M: Assim, vendo o Vitor eu acho que é a todo momento é uma brincadeira para ele porque criança normalmente né, pra eles tudo é brincadeira. Tudo é motivo de diversão, é basicamente isso.

G: Descreva situações de brincadeira da criança

M: Ele gosta de brincar muito de carrinho, de bola. Às vezes eu levo ele...eu procuro sempre levar ele para brincar fora de casa né, um parquinho ou coisa do tipo. Ele brinca em casa e fora e em todos os atendimentos que são uma brincadeira para ajudar no desenvolvimento dele.

G: Em qual lugar ela mais brinca?

M: Ele tem a creche que é estimulação precoce, que é um ensino especial que lá também é através de brincadeira. No SARAH também que ele brinca no tapete, na fisioterapia também lá em sobradinho. Em casa ele brinca de forma diferenciada, eu vou fazer as coisas e ele fica brincando. Brinca de foliar livro, ver as imagens, carrinho, bola.

G: Como a brincadeira é escolhida?

M: Ele que escolhe, ele pede. As vezes quando ele está brincando de carrinho ele para do nada e fala “mamãe vitinho quer escrever” quer brincar de rabiscar, então eu dou o caderno, ele tem um caderno pra ele, os livros.

G: Ela brinca sozinha ou acompanhada? Se acompanhada, de quem?

M: Eu acho que ele brinca melhor sozinho, ele tem a priminha dele que vai sempre lá pra casa porque eu olho ela pra minha irmã. Ai ele brinca, mas ela mais bate nele do que brinca, então ele prefere brincar sozinho. Então quando ele esta sozinho ele consegue prender a atenção dele mais na brincadeira, agora quando está com ela...

G: Seu filho costuma a brincar com outras crianças? Se sim, quais brincadeiras eles realizam juntos?

M: Só com a prima e nos atendimentos. Aquelas brincadeiras de montar, carrinho, historinhas.

G: Quais as brincadeiras/brinquedo que ela mais gosta? Por que?

M: Carrinho, até assim, ele começou a ter interesse de uns dois anos pra cá, que antes ele jogava os brinquedos, ele pega o brinquedo e jogava e não brincava. Ai quando ele passou a fazer os atendimentos ele aprendeu. Ele brinca mais de carrinho. Ele adora carrinho! Ele brinca com os outros, mas o que ele mais gosta é carrinho.

G: Quais as brincadeiras/brinquedo que ela menos gosta? Por que?

M: É..a questão da massa de modelar, aquelas geleias, ele não pega, não gosta da textura de jeito nenhum.

G: Quanto tempo em horas a criança utiliza para a brincadeira?

M: Bastante tempo, principalmente quando ele está sozinho. Quando ele está com a prima, que são todos os dias, pra mim deixar ele quietinho eu dou o celular, ele brinca com o celular, fica com o celular na mão. Porque quando ele vai brincar com os brinquedos, ai a rima não deixa, ai é mais complicado, porque ele se prende mais, assiste os vídeos que ele gosta, desenhos. Ele não é de sentar na televisão e assistir desenho, só no celular mesmo. Eu tive que baixar um monte que ele gosta, do chaves, da peppa, é o que prende a atenção dele.

G: Você considera algo positivo no brincar?

M: Ah, sim! Muito! Porque é através da brincadeira que ele vem se desenvolvendo.

G: Você considera algo negativo no brincar?

M: Não, ao meu ver ate agora eu não vi nenhum ponto negativo.

G: O que você acha que a criança deve ter para conseguir brincar?

M: Ter como assim:

G: Você acha que a deficiência física dele afeta em alguma coisa na hora do brincar?

M: A princípio eu achava, assim né, mas logo que ele começou a se desenvolver, a fazer os atendimentos eu vi que não. Eu acho que isso não atrapalha, não vejo que a paralisia dele venha atrapalhar ele a brincar, a não ser nessas brincadeiras de chutar, porque ele não anda ainda, é mais complexo pra ele. Mas, nos outros tipos de brincadeira o que ele não consegue fazer com a mão ele consegue fazer com a boca. Eu estou estimulando ele a fazer com a outra mãozinha que ele ainda não usa. Mas eu não vejo que isso atrapalha ele não.

G: Quais sentimentos/ sensações a brincadeira traz para sua criança?

M: Quando ele está brincando ele fica bem eufórico, fica bem agitado, principalmente quando é uma brincadeira que ele gosta. Fica mais agitado, ai oh, está agitado quando gosta da brincadeira e começa a se mexer todo, isso é a forma de demonstrar que ele está gostando.

ENTREVISTA 2

G: Para você, o que é brincar?

M: O brincar, né, é uma parte pra criança é uma coisa boa né, é um divertimento, é uma coisa boa, pra criança está se divertindo, se interagindo com as coisas.

G: Em qual momento você acha que a criança está brincando?

M: Quando ela esta sorrindo pra mim, feliz. Acho que isso é uma brincadeira

G: Descreva situações de brincadeira da criança

M: Ele gosta de brincar com brinquedo, principalmente com brinquedo sonoro, que tem barulho e essas coisas chama muito a atenção dele, então ele gosta. Ele brinca em qualquer lugar: em casa, na escola...

G: Em qual lugar ela mais brinca?

M: Em casa mesmo

G: Como a brincadeira é escolhida?

M: Assim, geralmente ele brinca mais com os brinquedos, na T.O vem ajudando muito o Enzo a brincar, porque antes ele não sabia brincar não, ele pegava o brinquedo e jogava, ficava jogando. Ate hoje ele ainda joga as vezes. Então, eu fico ajudando ele, né, ensinando o que cada brinquedo faz, a função de cada brinquedo. Quando ele quer, ele aponta com o olho, ele não sabe apontar não. Ele mesmo vai lá e escolhe o brinquedo que ele quer.

G: Ela brinca sozinha ou acompanhada? Se acompanhada, de quem?

M: Mais sozinho, não tem ninguém não. O local que a gente mora não tem assim, muita criança pra ele brincar. Quando ele não brinca sozinho, ele brinca com a minha sobrinha, que mora perto de casa, ai é com ela mesmo. Ou também na escola com os coleguinhas dele.

G: Seu filho costuma a brincar com outras crianças? Se sim, quais brincadeiras eles realizam juntos?

M: Com a minha sobrinha eles brincam com brinquedo mesmo, os dois ficam compartilhando os brinquedinhos, mas mais assim tudo envolve mais o brinquedo mesmo.

G: Quais as brincadeiras/brinquedo que ela mais gosta? Por que?

M: Os brinquedos é os sonoros, chama a atenção dele.

G: Quais as brincadeiras/brinquedo que ela menos gosta? Por que?

M: Não sei dizer, não tem nenhum específico que ele não goste não, nada que ele não queira brincar. Esses sonoros chamam mais a atenção dele.

G: Quanto tempo em horas a criança utiliza para a brincadeira?

M: Geralmente ele brinca mais de manhã, na parte da manhã. Então assim, 2 horas, 3 horas.

G: Você considera algo positivo no brincar?

M: Sim

G: Você considera algo negativo no brincar?

M: Não sei nada negativo, depende de como está essa brincadeira né. Alguma coisa que acontecer quando a criança está brincando, cair, se machucar.

G: O que você acha que a criança deve ter para conseguir brincar?

M: Como assim?

G: Você acha que a deficiência física dele afeta em alguma coisa na hora do brincar?

M: Assim, envolve mais o entendimento, porque ultimamente ele está pegando os brinquedos dele, mesmo esses que ele gosta e chama atenção e fica jogando. As vezes ele passa meia hora brincando só com um brinquedo, joga ele e pega, joga de novo. Mas acho que a deficiência dele não atrapalha ele em nada não, a necessidade dele não atrapalha. O que atrapalha mais é o entendimento dele, que as vezes ele não entende muito, sobre como brincar com aquele brinquedo, aí vai e quebra o brinquedo, mas a necessidade dele não atrapalha não.

G: Quais sentimentos/ sensações a brincadeira traz para sua criança?

M: Ele fica feliz quando ele está brincando, quando ele quer, muito feliz mesmo. Na escola mesmo tem a professora dele estavam falando que ele estava brincando no dia de quarta feira com os coleguinhas na piscina de bolinha e terminou a brincadeira e tinha que voltar pra sala e ele não queria sair. Chegue lá ele estava chorando porque queria brincar mais lá na piscina de bolinha.

ENTREVISTA 3

G: Para você, o que é brincar?

M: Ah, pra mim é quando a criança está interagindo com aquela coisa, brincando com aquele objeto. Pra mim isso é brincar.

G: Em qual momento você acha que a criança está brincando?

M: Lá em casa é assim, ela não gosta muito de brincar, igual eu falei para as outras meninas, ela não gosta muito de brinquedo, ela começou a gostar de brinquedo depois que ela veio pra cá. Que ela começou interagir mais, a se interessar mais pelos brinquedos, pra mim quando ela está pegando os brinquedos assim, porque ela não tem assim de ela mesmo pegar o brinquedo entendeu? Ou a gente coloca o brinquedo na mão dela pra ela brincar, ou as vezes, assim do nada ela vai e pega o brinquedo. Pra mim quando ela está querendo brincar é essa hora, que ela vai tenta pegar o brinquedo e sacode, bota na boca.

G: Descreva situações de brincadeira da criança

M: Toda hora, porque ela só fica só em um. Lá em casa é assim a gente coloca um colchão pra ela ficar, não tem como colocar em outro lugar porque ela fica no chiqueiro aí ela cresceu aí se ela ficar em pé ela cai, ela tomba. Aí a gente coloca um colchão no chão pra ela assim, aí ela vai e fica brincando no colchão, ela passa quase a metade do dia lá naquele colchão brincando com os brinquedos.

G: Em qual lugar ela mais brinca?

M: Na sala no colchão

G: Como a brincadeira é escolhida?

M: Os brinquedos é a gente que dá pra ela, as vezes ela segura, as vezes ela não quer, as vezes ela ignora os brinquedos. Ela não aponta e nem pede.

G: Ela brinca sozinha ou acompanhada? Se acompanhada, de quem?

M: Ela brinca mais sozinha, as vezes com meu irmão, meu irmão dá brinquedo pra ela. Ou minha tia, ela fica lá brincando, ou meu pai, ou eu. Mas quando está eu e ela, é mais sozinha porque eu tenho que fazer as coisas, aí eu deixo ela lá brincando sozinha.

G: Seu filho costuma a brincar com outras crianças? Se sim, quais brincadeiras eles realizam juntos?

M: Não, porque lá perto não tem criança, é só ela.

G: Quais as brincadeiras/brinquedo que ela mais gosta? Por que?

M: Ela tem as galinha pintadinha, porque eu não sei qual motivo ela só gosta das galinha. 3 galinha pintadinha, ai ela gosta bastante, tem uma ate que fala lá, que ela gosta assim, eu boto para cantar lá. É o que ela mais gosta é as galinhas, que ela pega assim e amassa as galinhas. E esse tal de peppa ai, que agora todo mundo quer essa peppa ai, ela gosta de assistir também, ah ela também gosta de assistir, a gente bota a peppa lá e ela fica assistindo aquela peppa veia (risos)

G: Quais as brincadeiras/brinquedo que ela menos gosta? Por que?

M: Não tem isso não, porque antes ela não gostava nada de brinquedo e agora ela começou, então não tem como eu te falar o que ela não gosta ne.

G: Quanto tempo em horas a criança utiliza para a brincadeira?

M: Quase toda hora, porque ela fica mais ali, no colchão sentada, então é quase o dia inteiro.

G: Você considera algo positivo no brincar?

M: Sim.

G: Você considera algo negativo no brincar?

M: Eu acho que não, porque assim, se não tivesse o negócio de brincar como seria uma criança? O que a criança iria fazer se não tivesse alguma coisa pra brincar?

G: O que você acha que a criança deve ter para conseguir brincar?

G: Você acha que a deficiência física dele afeta em alguma coisa na hora do brincar?

M: Ah, atrapalha, atrapalha sim. Porque se ela não tivesse, eu tenho certeza que agora ela estava na escola brincando, fazendo alguma coisa na escola, se ela não tivesse esse problema. Mas graças a Deus ela com esse problema que ela tem ela está se desenvolvendo muito,

entendeu? Assim, antes ela não gostava de nada, agora que ela começou a se interessar por brinquedos. Assim, igual na escola dela não tem muita criança, não tem muito contato com criança, as vezes quando junta as crianças ate que elas interagem, mas antes ela não gostava dessas coisas não, agora que ela começou a gostar. Por isso estou até achando interessante ela vir pra cá, é longe e tudo pra mim mas trago ela porque eu acho interessante, porque ela não gostava de nada.

G: Quais sentimentos/ sensações a brincadeira traz para sua criança?

M: Ela fica assim, alegre, quando ela está gostando do que ela está fazendo, porque se não tivesse aquele brinquedo, quando ela não gostava ela ficava só no colchão, não pegava brinquedo nenhum, porque ela não gostava de brinquedo, lá a gente compra todo tipo de brinquedo pra ela e ela não se interessava, agora que ela começou a se interessar, ai acho que ela gosta de brincar.